



**A escrita literária afro-brasileira de Conceição Evaristo e Fatima Trinchão:
por uma questão de identidade e empoderamento**

Afro-Brazilian literary writing by Conceição Evaristo and Fatima Trinchão:
for the sake of identity and empowerment

Silvana Rodrigues Quintilhano¹

Carla Kühlewein²

Resumo: A literatura afro-brasileira consiste na representação estética historicamente identificada à experiência vivida pelos negros em nossa sociedade como expressão identitária. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo analisar a poesia de Conceição Evaristo e Fatima Trinchão, no intuito de evidenciar a questão da identidade e do empoderamento da mulher negra na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Mulher Negra; Literatura Afro-Brasileira; Identidade.

Abstract: Afro-Brazilian literature consists of a historically identified aesthetic representation of the experience lived by blacks in our society as an expression of identity. In this sense, this article aims to analyze the poetry of Conceição Evaristo and Fatima Trinchão, in order to highlight the issue of the identity and empowerment of black women in Brazilian society.

Keywords: Black woman; Afro-Brazilian Literature; Identity.

Literatura de Autoria Feminina Afro-Brasileira: aspectos introdutórios

No espaço dos estudos culturais, conceitos de identidade e diferença foram ressignificados. Tais tendências contemporâneas de estudos apontaram questões de diversidade e diferença culturais para o que antes conceituávamos como “aculturais”, a exemplo, a literatura afro-brasileira. Os estudos culturais visavam compreender a organicidade das produções culturais, a constituição e a organização das identidades culturais para os indivíduos e grupos, denominando a literatura como uma prática cultural específica, ressalva Culler (1999).

Esses novos paradigmas descentralizaram o poder e as marcas ideológicas, privilegiando uma política de inclusão, no intuito de “recuperar a cultura popular como a expressão do povo ou de dar voz à cultura de grupos marginalizados” (CULLER, 1999, p. 51). Com efeito, as vozes periféricas, interpretadas por conceitos de identidade e diferença foram redescobertas, permitindo verificar novas representações literárias em cenas nacionais. Manifestações que ressignificaram as esferas literárias, permitindo reconhecer novos discursos estéticos de intervenção política, social e de empoderamento.

¹ Pós-Doutora em Cultura Contemporânea pela UFRJ. Doutora em Literatura Africana pela UEL. Mestre em Literatura Africana pela UEL. Docente na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Londrina. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa CRELIT. Líder no Grupo de Pesquisa EDUPEP.

² Doutoranda em Literatura e Vida Social e Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela UNESP (Assis). Docente na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus Apucarana.

No viés dos pressupostos teóricos dos estudos culturais, a Literatura Afro-Brasileira torna-se objeto de discussão no âmbito acadêmico, preconizado pelo crítico Eduardo de Assis Duarte, em seu ensaio “Literatura Afro-Brasileira: um conceito em Construção”, (2008), em que evidencia essa escrita em nossa história literária nacional desde o século XIX às margens periféricas, apontando suas especificidades, múltiplas e diversas, de pertencimento à etnia afrodescendente.

Contudo, para dar visibilidade à literatura afro-brasileira, até então apagada de nossos registros literários, reuniram esforços de organizações como o Movimento Negro, o grupo Quilombhoje, as séries Cadernos Negros com publicações ininterruptas, e até mesmo ações afirmativas como a Lei n. 10.639/2003; convergindo para uma reflexão crítica acerca da configuração discursiva dos afrodescendentes, marcada pela coletividade e pela denúncia contra a discriminação racial.

Ao tratar do reconhecimento da voz negra feminina, por um longo tempo esteve a circunscrição ao texto poético, e ainda às margens, como *Úrsula*, o primeiro romance abolicionista brasileiro, datado de 1859, da escritora Maria Firmina dos Reis (1825-1917), no qual condensa o “sistema patriarcal e escravista como responsável pela opressão da mulher e do negro” (DUARTE, 2014, p.57)

Escritora assídua de crônicas, poesias, ficção nos jornais literários maranhenses. Segundo Duarte (2014, p.55), além de expressiva mulher das letras, ela também “atuou como folclorista, na recolha e preservação de textos da literatura oral e também como compositora, sendo responsável, inclusive, pela composição do hino em louvor da abolição da escravatura”.

A partir do século XX, escritoras negras começam a surgir no cenário literário, como a cronista Antonieta de Barros (1901-1952), a romancista favelada Carolina Maria de Jesus (1914) e Ruth Guimarães (1920-2014), cujas produções discutiam não só o papel da mulher, como também o preconceito racial e social na sociedade brasileira.

Na esteira dessas mulheres negras, notabilizou-se a contista e religiosa do candomblé, Mãe Beata de Yemonjá, codinome de Beatriz Moreira Costa (1931); a consciência étnica de Maria Helena Vargas da Silveira (1940-2009); a “escrivência” de Conceição Evaristo (1946); as militantes do Movimento Negro Inaldete Pinheiro (1946), Sonia Fátima da Conceição (1951) e Lia Vieira (1958); as feministas negras Alzira Rufino (1949) e Miriam Alves (1952); a jornalista militante Esmeralda Ribeiro (1958); a envergadura social de Fatima Trinchão; a prosa política de Cidinha da Silva (1967); a novela baiana de Aline França (1948); os debates nos ensaios de Ana Maria Gonçalves (1970). Numa vertente intimista despontou ainda Ana Cruz, Geni Guimarães (1947) e Cristiane Sobral (1974), além do cordel de Lourdes Teodoro (1946) e o existencialismo de Livia Natália (1979), entre outras expoentes contemporâneas.

Na literatura infanto-juvenil afrodescendente, destacou-se a contadora de histórias Madu Costa (1953), as literaturas infantojuvenis de Heloisa Pires Lima (1955), Sonia Rosa (1959) e Jussara Santos (1963) e a infância negra de Patrícia Santana (1964).

Grande parte dessas escritoras, além de formação acadêmica, atuaram na área da educação. Suas escritas ensejaram nos jornais literários, perpassaram pelo Grupo Quilombhoje e efetivaram-se pelos Cadernos Negros, desmembrando-se em diversos gêneros, como: conto, crônica, poesia, romance, ensaio, teatro, novela, nos quais

evidenciam a desigualdade e o preconceito racial brasileiro, sob o olhar afrodescendente; entrelaçando dores e ressentimentos, reconstruindo história.

Identidade e empoderamento em questão

Literatura tem cor? Acreditamos que sim. Porque a cor remete a identidade, logo a valores, que de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto. (DUARTE, 2014, p.11)

Reconhecer a produção literária afro-brasileira nos leva a revisitar Stuart Hall (2006) acerca de sua percepção do sujeito pós-moderno, o qual alerta para a incoerência de se pensar em identidades fixas diante da agilidade do mundo moderno e sua crescente globalização. Esta, por sua vez, exerce efeito ambíguo, pois ao mesmo tempo que pode homogeneizar, pode também ressaltar a heterogeneidade, produzindo “identidades plurais”. Para ele, essa coletividade se constitui na apropriação e reelaboração de identidades já existentes, no caso, a cultura diaspórica afrodescendente.

A fim de se compreender com mais acuidade essa questão, é preciso recordar brevemente a concepção de sujeito que o autor sustenta, presente em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006). Trata-se do resultado histórico de três sujeitos: o do Iluminismo (indivíduo unificado); o sociológico (tomada de consciência do diálogo do “eu real” com as identidades externas) e o pós-moderno, caracterizado por uma identidade mutável, que se ajusta ao sabor dos tempos e das necessidades. O que ele aponta, nesse ínterim, é o “nascimento e a morte do sujeito moderno” (HALL, 2006, p. 23), como resultado da crise do sujeito que parte da estabilidade e culmina na sua fragmentação.

Nesse contexto, Hall (2005, p. 34) explica esse fenômeno (fragmentação) enquanto fruto da descentralização do sujeito moderno, ou seja, assim que ele passa a relativizar a concepção cartesiana de mundo, provoca uma “série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno”, das quais destaca cinco: o marxismo; a psicanálise de Freud e Lacan; a linguística de Saussure; a filosofia de Foucault e o feminismo. De certa forma tal avaliação permite-lhe verificar mais detalhadamente que a identidade no contexto pós-moderno se constrói a partir de algo imaginado, que não corresponde à realidade factual. Sob essa perspectiva, ele analisa a formação das culturas nacionais, as quais caracteriza como uma das principais fontes identitárias no mundo moderno e para a qual, conseqüentemente, este estudo se volta, uma vez que trata da escrita literária feminina afro-brasileira. A despeito disso, Wanderley (2009, p. 107 – grifo das autoras) aponta que:

Em torno do conceito de identidade, gravitarão os conceitos de *história, de cultura e de memória*, como substratos para uma compreensão da construção da identidade afro-brasileira, que resultam das reflexões e das idas e vindas entre as leituras e o campo de pesquisa.

A tríade *história, cultura e memória* compõe o que Hall (2006, p.50) denomina de “comunidade imaginada”, a qual se refere à cultura nacional composta não apenas por instituições, mas também por símbolos e representações com os quais toda uma nação

pode se identificar. Assim, ela se preenche de sentidos “contidos nas *estórias* que são contadas sobre a nação, *memórias* que conectam o seu presente com seu passado e *imagens* que dela são construídas” (HALL, 2006, p.51 - grifos das autoras). Se, portanto, a compreensão da cultura nacional pode ser efetuada a partir do tripé *histórias*, *memórias* e *imagens*, vale-nos para o estudo da escrita literária afro-brasileira.

Trata-se, contudo, de um grupo que somatiza vozes silenciadas historicamente: mulheres e afro-brasileiros, que formam por si só um duplo, cuja representação destoa da comunidade imaginada, de um Brasil homogêneo, branco e cristão. Em decorrência disso há dois movimentos opostos entre si, que se modulam: de um lado o esforço do grupo em ingressar nessa comunidade e acreditar nos sentidos expressos por ela e de outro a necessidade de contestá-la, buscando o preenchimento das lacunas históricas pelo empoderamento. A este último se volta o presente estudo, não apenas por ser expresso nos textos em breve analisados, mas sobretudo porque nele se funda a manifestação de quem não se percebe representado pela identidade nacional e, por esse motivo, procura, artisticamente, preencher esse vazio.

Isso se faz via empoderamento, cuja definição pode ser melhor compreendida de acordo com a perspectiva de Stromquist (2000, p.105 *Apud* COSTA, 2012), que destaca cinco passos essenciais para que isso se efetive: i) construção de autoimagem positiva; ii) pensamento crítico; iii) coesão de grupo; iv) promoção da tomada de decisão; v) ação. Tais parâmetros concatenados geram, segundo a autora, o que se poderia considerar como “perfil empoderado”.

As acepções desse termo indicam nuances que variam de acordo com as mais diversas teorias, sobretudo as que oriundam dos estudos culturais, contudo a caracterização do perfil empoderado calham com o que se pretende verificar na poética de Conceição Evaristo e Fatima Trinchão.

A voz da mulher na poesia afro-brasileira

Na lírica moderna, que emerge da poética sugestiva de Baudelaire, a fragmentação do sujeito, proposta por Hall (2006), fica por conta da descentralização do “eu” em uma voz coletiva, como que a enunciar angústias que ultrapassam o campo particular e atingem níveis mais complexos, fazendo ressoar a dor de uma nação, ou mesmo de um povo ou um grupo (minorias). Diante de uma poética que se modula por esse viés fragmentado, é preciso pensar nas imagens que o texto literário produz enquanto representação da *história*, *memória* e *cultura* afrodescendente pela escrita de autoras brasileiras, cuja produção floresce nos jornais, na *web*, nas universidades e nas prateleiras de todo o país.

Essa tríade aparece registrada em “O canto da Chibata”, poema publicado por Fatima Trinchão, em sua *homepage*, inicialmente em 2010 e alterado em 2017. O “canto” remete ao estalo do açoite aos escravos no período colonial: “O chicote que brandia nas costas negras, escravas”. A partir dessa imagem, o poema recupera a memória coletiva de um povo subjugado ao senhor de engenho, branco, que, para se fixar e enriquecer no país, explorou a mão de obra gratuita do negro trazido da África.

Nesse contexto, o eu-lírico aparece como testemunha ocular do sofrimento do negro (“Vi costas negras e nuas, riscadas, abertas, marcadas”) e da exploração do senhor de

engenho (“Eu vi o riso cruel, voraz, insano, terrível, do látego, do senhor”). Contudo, nesse entremeio, registra o sofrimento da mulher negra, que sente na pele o canto da chibata, pelas “costas negras da escrava”.

O poema é composto por cinco estrofes, sendo que as quatro primeiras apresentam irregularidade na quantidade de versos e na rima, porém a última se constrói sobre a clássica redondilha maior e o ritmo que oscila entre binário (2) e ternário (3), conforme se observa no trecho final:

É que as costas negras marcadas, (3)
 É que o sangue negro derramado, (3)
 No canto do lenho profundo, (3)
 Na dança da chibata, intensa, (3)
 E o sangue nela jorrado, (3)
 Empapando esta terra, (2)
 Não foram em vão derramados, (3)
 Semearam a semente, (2)
 Em um povo, liberdade, (2)
 Em um povo, amplidão, (2)
 Em um povo, identidade, (2)
 Em um povo, consciência, (2)
 Em um povo, majestade, (2)
 Em um povo, liberdade. (2)
 (TRINCHÃO, 2017, p.1 – grifos das autoras)

A simbologia da chibata permite a reconstrução da história do negro escravizado, participe dela e, por conseguinte, parte da memória coletiva dessa nação. Contudo, além do resgate histórico-cultural que se promove a partir da cadência de imagens alusivas à escravidão, o poema se encerra na busca pela *construção de uma autoimagem positiva* ao afirmar que o sangue derramado não foi em vão. Trata-se praticamente de um hino à libertação dos escravos, especialmente pelos destaques que confere aos atributos positivos do homem e da mulher negra diante do imponente canto da chibata, cuja *coesão de grupo* se cristaliza pela repetição insistente do termo “povo”, nos versos finais.

O mesmo chicote é recuperado também no poema “Para a menina”, de Conceição Evaristo, publicado em *Poemas de recordação e outros movimentos*, em 2008, pela Editora Nandyala, de Belo Horizonte (MG). Nele a imagem da menina de tranças suscita a lembrança dos sofrimentos “de um chicote traiçoeiro” que faz derramar “o sangue que escorre/ do corpo-solo de um povo”. Ou seja, o ponto de partida é o terreno particular (menina) que se amplia à medida que tais lembranças suscitam a recuperação da memória coletiva acerca da escravidão dos negros no Brasil. Novamente o eu-lírico se coloca como testemunha das marcas de uma história de sofrimento:

Visto a menina
 e aos meus olhos
 a cor de sua veste
 insiste e se confunde
 com o sangue que escorre
 do corpo-solo de um povo.
 (EVARISTO, 2008, p.1)

A exemplo das marcas nas costas no “Canto da chibata”, no poema de Evaristo as memórias ressurgem por meio de atributos físicos (tranças, vestes, olhos) observadas cautelosamente por um “eu” cuja *perspectiva crítica* não deixa escapar as rudezas do tempo. Resta a ele, portanto, sonhar com a liberdade que o “hino” de Trinchão ecoa, num suspiro leve de esperança:

Sonho os dias da menina
e a vida surge grata
descruzando as tranças
e a veste surge farta
justa e definida
e o sangue se estanca
passeando tranquilo
na veia de novos caminhos,
esperança.
(EVARISTO, 2008, p.1)

Ao som do chicote, um grito de esperança e liberdade ecoa por entre a escritura dessas poetisas, que avançam para as etapas finais do empoderamento proposto por Stromquist (2000), a *Tomada de decisão e ação*. Não basta, portanto, que se resgate um passado de luta e sofrimento de um povo que ficou relegado à margem da sociedade séculos a fio, é preciso conceder-lhe o poder de expressão. Na lírica isso se processa do particular para o coletivo, no sentido de resgatar a identidade que se perdera, como o quer Hall (2008). Eis que surge, portanto, o perfil empoderado na escrita literária da mulher afrodescendente.

A simbologia em torno das questões identitárias da mulher negra no Brasil se mantém, se naqueles poemas ela seguia representada pelas costas marcadas pelos açoites da escravidão, agora é sua cor e sua ancestralidade que lhe garantem a permanência no mesmo mundo que a repele. É essa a condição que se observa em “Pele”, de Fatima Trinchão e em “Vozes mulheres”, de Conceição Evaristo. Neles, por meio da *tomada de consciência*, se promove enfim a ação, preconizada por Stromquist (2000) e se consolida a busca pela fixação de uma identidade própria, distorcida daquela imaginada pela nação.

O poema “A pele” é composto integralmente por essa toada, que mais parece um relato pessoal, marcado pelo tom empoderado, no sentido de se sentir privilegiado por se ter a “pele preta”: “esta pele que marca/ e me faz único”. O que se evidencia é o orgulho de se vestir a “pele preta”, uma vez que ela encobre o mundo como um “manto de extrema grandeza”. Trata-se da *tomada de consciência* da condição de se ser afrodescendente em um país de maioria étnica negra e um esforço em se registrar que a pele preta já expandiu seu domínio pelo mundo, pois “cobre o mundo/a terra inteira”.

A autoafirmação surge aqui como uma estratégia discursiva para gerar um movimento contrário da “comunidade imaginada” (HALL, 2008), por meio do empoderamento de se ter a pele escura, na cor que muitas vezes chama o ato discriminatório pelo simples fato de existir. O termo “pele” é mencionado diversas vezes no poema, ora acompanhado pelo pronome “este” ora pelo adjetivo “preta”, reforçando a ênfase no aspecto físico, porta de entrada da marginalização a que o afro, em especial a mulher, tem sido relegada secularmente.

Chama a atenção ainda o fato de que o eu-lírico, dessa vez, sai da posição de testemunha ocular, como ocorre em “O canto do chicote”, para assumir o relato de sua própria condição, registrado no poema pela primeira pessoa do discurso:

Esta pele que me cobre
 Esta pele que me envolve
 O corpo
 Esta pele que me marca
 E me faz único
 Em meio a tantos
 Esta pele que me define
 Manto de extrema leveza
 Como a noite
 Repleta d'estrelas
 Cobre o mundo
 A terra inteira
 Pele preta
 Preta pele
 (TRINCHÃO, 2017, p.1 – grifos das autoras)

Assim exaltar os benefícios de se ter tal atributo permitem ao eu-lírico representar um grupo de indivíduos que se identificam com o desafio de ter a “pele preta”, mas são impedidos de expressá-lo ou simplesmente não o conseguem porque lhes falta a maneira ou a oportunidade de dizê-lo. Os atributos positivos à pele, como “leveza”, denotam o empoderamento, ao se assumir positivamente a própria condição física (pele preta), que implica uma herança histórica (Cobre o mundo/ a terra inteira) e cultural (Manto de extrema grandeza) privilegiada.

Essa proposta de escrita poética da mulher afro-brasileira encontra sua síntese em “Vozes mulheres”, publicado originalmente em *Cadernos Negros*, em 1990, e posteriormente no mesmo livro de “Para a menina” (*Poemas da recordação e outros movimentos*, 2008). Nele Conceição Evaristo esboça o trajeto da voz da mulher negra, percorrido desde sua ancestralidade ao momento atual. Registra-se assim a perpetuação de um silenciamento que ultrapassa gerações, mas que é rompido por uma crescente ação, assim, o que antes era lamento e obediência, torna-se revolta, perplexidade, para enfim culminar na soma de todas as vozes sufocadas (bisavó, avó, mãe, filha):

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 (EVARISTO, 2018, p.1)

O empoderamento no poema de Conceição se cristaliza na medida em que se recuperam eventos da memória coletiva que remetem ao período pré e pós abolição da escravatura, sob a perspectiva da mulher negra colonizada: que dos “porões do navio”

às “cozinhas alheias” e “favelas” mantém-se subjugado aos “brancos donos de tudo”, firmando-se a busca pela sua ainda inalcançada libertação:

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2018, p.1)

Os traços histórico-culturais na poética de Conceição Evaristo e Fátima Trinchão exemplificam as dimensões que o lirismo pode atingir quando se trata de uma literatura que representa as angústias de um grupo, que precisa ser ouvido, a partir do empoderamento de um “eu” que grita a altos brados pela busca e fixação de uma identidade cultural que solape a imaginada por toda uma nação.

Considerações finais

A partir do discurso poético de Conceição Evaristo e Fatima Trinchão consolida-se o empoderamento da mulher negra na sociedade brasileira, a qual se manifesta por uma mudança de postura que atinge a esfera do pensamento, avança para a do comportamento e culmina na mudança de vida. Sob esse aspecto, Duarte (2014, p.11) assevera que “os traços de *negritude*, *negricia* ou *negrura* do texto seriam oriundos do que Conceição Evaristo chama de ‘escrevivência’, ou seja, uma atitude – e uma prática – que coloca a experiência como motivo e motor da produção literária”.

Enfim é a voz da mulher afrodescendente que emerge da pele preta e se consolida em terreno pátrio como parte de uma nação heterogênea e, por esse motivo, não pode assumir um discurso eurocêntrico que lhe ignore-lhe a essência.

Bibliografia

- BONICCI, Thomas. **Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial**. *Acta Scientiarum*. Maringá, v. 28. n.1, 2006.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca, 1999.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Vozes-mulheres**. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.
- _____. **Para a menina**. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoarte.com/conceicao-evaristo-poemas/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- STROMQUIST, Nelly; KLEES, Steven; MISKE, Shirley. Usaid efforts to expand and improve girls' primary education in Guatemala. In: CORTINA, Regina; STROMQUIST, Nelly (Ed.). **Distant Alliances: promoting education for girls and women in Latin America**. Nova York: RoutledgeFalmer, 2000.

TRINCHÃO, Fátima. **A pele**. Disponível em:

<<https://www.recantodasletras.com.br/poesias/5154887>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

TRINCHÃO, Fátima. O canto da Chibata. **Fátima Trinchão: Poesias, contos, crônicas**. Disponível em: <<http://www.fatimatrinchao.net/visualizar.php?id=2622468>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

WANDERLEY, Alba Cleide Calado. **Construção da identidade afro-brasileira nos espaços das irmandades do rosário do sertão paraibano**. João Pessoa/PB, 2009. (Tese de doutorado). Digitada. 258f.